

# **Dominica procura recuperar-se do blecaute María**



O primeiro obstáculo que os especialistas elétricos cubanos tiveram que superar foi desarmar os caminhões para que pudessem ser descarregados no porto de Roseau.



Os reparadores instaladores cubanos trabalham em uma linha de transmissão primária que ligará a capital com a usina hidrelétrica de Trafalgar, a oito quilômetros de distância.

Texto e fotos Sergio Alejandro Gómez,  
enviado especial

• ROSEAU.— Dominica está na escuridão desde 18 de setembro passado. O furacão Maria deixou milhares de postes elétricos no chão, quilômetros de cabos quebrados e a maior parte da infraestrutura de transmissão inutilizável.

A Companhia de Serviços Elétricos da Dominica (Domlec, por sua sigla em inglês) prioriza a restauração dos centros vitais para a população, como hospitais, bancos e gabinetes governamentais.

Mas, seis semanas após a passagem do ciclone, a eletricidade só retornou a alguns pontos nas principais cidades, enquanto a maior parte do país não possui o serviço.

A ilha tem apenas cerca de trinta especialistas elétricos e poucos meios técnicos para enfrentar uma avalanche de trabalho.

De acordo com as estimativas da Domlec, foram afetados cerca de 90% dos oito mil postes do sistema elétrico primário e 19 mil do sistema secundário que chegam até as casas.

Países vizinhos como a Jamaica e Barbados enviaram reforços de suas próprias empresas de energia, mas apesar de ter já esse meio no campo se espera que a normalização do serviço demore vários meses.

#### CONTRIBUIÇÃO CUBANA

Como parte da ajuda cubana à Dominica, em 20 de outubro, um navio da Ilha maior das Antilhas chegou com 300 toneladas de bens essenciais, dez trabalhadores florestais, um grupo de jovens diplomatas e duas brigadas com cinco instaladores reparadores cada uma, principalmente das províncias cubanas de Pinar del Río e Sancti Spiritus.

Além disso, viajaram três técnicos elétricos responsáveis por avaliar a situação e supervisionar as tarefas no campo, bem como quatro trabalhadores de apoio: um

mecânico, especialista em usinas e geradores elétricos e dois cozinheiros.

Cada brigada trouxe com ela um veículo polivalente, que possui guindastes para trabalhar nas linhas de energia e é capaz de cavar até uma profundidade necessária para instalar novos postes. Na Dominica, há apenas mais três desses carros com meios iguais.

Mas mesmo antes de tocarem as ruas da ilha, os especialistas cubanos tiveram que superar o primeiro obstáculo: os caminhões eram muito pesados para descarregá-los do navio com o guindaste disponível no porto de Roseau.

Os técnicos resolveram desarmá-los dentro do navio e extraí-los em partes. Primeiro, levantaram o chassi e depois o resto do veículo, de onde as rodas e outros elementos pesados foram removidos.

Uma vez no chão, eles foram remontados em tempo recorde. A operação, que parecia impossível, foi completada em apenas três horas.

#### PRIMEIROS PASSOS

De acordo com especialistas, a prioridade em uma situação como a que enfrenta a Dominica é restabelecer o sistema elétrico e ter linhas primárias para levar a capacidade de geração até os consumidores.

É por isso que os cubanos trabalharam, desde a semana passada, em uma rede primária que vai da capital, Roseau, até a usina hidrelétrica de Trafalgar, a cerca de oito quilômetros de distância, que permanece isolada desde a passagem do furacão.

«Quando estiver em operação, a energia disponível no sistema elétrico será aumentada através da interligação da usina diesel na capital com a usina hidrelétrica próxima», diz ao *Granma Internacional* Edelfín Falcón Guerra, chefe da missão da União elétrica na Dominica.

Falcón, que trabalha como diretor técnico da companhia elétrica da província cubana

de Artemisa, acrescenta que também se conseguirá maior confiabilidade com a incorporação de uma subestação localizada na central hidrelétrica de Padu, perto de Trafalgar.

Além do estado da rede, a topografia do terreno torna o trabalho mais complexo. A linha deixa a cidade subindo várias colinas vizinhas e depois desce através de um barranco de mais de 100 metros. O trecho final para a usina hidrelétrica foi construído nas margens de um rio que serpenteia montanhas de 500 metros de altura.

O clima tropical também não acompanha. Quando o sol não faz aumentar a temperatura acima de 34 graus, surgem chuvas repentinas que forçam a parar o trabalho.

Ramiro Frías Leiva, um dos instaladores reparadores e operador do veículo polivalente, diz a este jornal que o terreno rochoso dos rios é um risco quando se trata de cavar para instalar novos postes.

«O aparelho pode se avariar e até inclusive a broca», acrescenta. «Temos que ir pouco a pouco».

Frías, com mais de três décadas de experiência como motorista, também teve que se adaptar, em pouco tempo, a dirigir o caminhão no trilha da esquerda, o estilo britânico usado na Dominica.

Lisbanet Rodríguez Hernández, chefe da brigada de Sancti Spiritus, ressalta que seus especialistas enfrentaram trabalho igualmente difícil nas colinas de Topes de Collantes, no município de Trinidad, em Cuba.

«Em qualquer caso, foi feita uma preparação para explicar as condições no campo e as especificidades do país», acrescenta. «Uma reunião diária é realizada para analisar o trabalho e os riscos em que poderiam estar envolvidos».

#### REGRA DE OURO, SEGURANÇA

O número de postes afetados, cabos suspensos, árvores caídas e desabamentos de

terra que estão no caminho das linhas elétricas representam um risco extra para as brigadas cubanas.

Diego La Rosa, chefe do Grupo de Segurança e Saúde do Trabalho, da União Elétrica, foi um dos primeiros especialistas a chegar na Dominica, três dias após a passagem do furacão Maria.

La Rosa acredita que, com o passar do tempo, os riscos aumentam.

Muitas pessoas começam a instalar seus próprios geradores elétricos e, se o fizerem incorretamente, eles poderiam alimentar as redes onde trabalham os eletricitários cubanos.

«Enquanto as cinco regras de ouro forem cumpridas, não deve haver problemas», diz La Rosa depois de citar de cor as máximas de seu trabalho: «desconecte a eletricidade, bloqueie qualquer possibilidade de reconexão, verifique a ausência de tensão, conecte as linhas da terra ou que tenham curto circuito entre elas e, finalmente, sinalizar a área de trabalho».

Também destaca a importância de respeitar o uso dos meios de proteção e práticas corretas ao escalar ou trabalhar com o guindaste.

«Os riscos são mais ou menos os mesmos quando você escala um poste em qualquer lugar», diz Dachel Jiménez Bernal, um reparador instalador do grupo 8, treinado para trabalhar em linhas energizadas.

«A coisa mais importante», acrescenta, «é verificar se os postes estão bons e não estão quebrados».

Quanto à altura em que ele trabalha na linha para Trafalgar, a cerca de 48 pés de altura, Jiménez considera que é ainda menor que na linha de 110 Kv, na que ele está acostumado a trabalhar em Cuba.

«Os trabalhadores elétricos cubanos adquiriram grande habilidade ao longo dos anos lidando com eventos climáticos adversos», diz o chefe da missão elétrica cubana, Edelfín Falcón. «Agora, compartilhamos essa experiência com a ilha irmã da Dominica». •